

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP

FACULDADE DE CIÊNCIAS

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CAMPUS BAURU

ROBSON SABBADINI FRANCISCO

EDUCAÇÃO FÍSICA NA DIALÉTICA APROPRIAÇÃO E OBJETIVAÇÃO

DA CULTURA CORPORAL: Quem trabalha com seu corpo?

BAURU

FEVEREIRO/2017

ROBSON SABBADINI FRANCISCO

**EDUCAÇÃO FÍSICA NA DIALÉTICA APROPRIAÇÃO E OBJETIVAÇÃO
DA CULTURA CORPORAL: Quem trabalha com seu corpo?**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao departamento de
Educação Física da faculdade de ciências
da Unesp de Bauru para obtenção do
título de bacharel em Educação física, sob
a orientação do Professor Doutor Milton
Vieira do Prado Junior.

BAURU

FEVEREIRO/2017

[...] a *moral de escravos*

[...] é desfavorável às virtudes do poderoso

[...] ali a própria felicidade não é autêntica

[...] é, essencialmente, moral utilitária

[...] uma tendência a aproximar as palavras “bom” e “bobo”.

Friedrich Nietzsche, 1886, “*Além do bem e do mal*”

Aquém,

Dedico e Me Dedico a Você!

Além!

AGRADECIMENTOS

Mãe! Sim, lhe devo tudo, talvez um pouco mais, lhe devo minha delicadeza, sensibilidade e essa justiça justa que não me larga. Nem tudo na vida é a vida que a gente quer, e mesmo assim eu não arredo o pé, como você bem me disse: “- Eu faço o meu melhor, gostaria que fosse mais!”, pois nesse mundo não há quem seguindo em frente também não ande pra trás. Seu legado é bem maior que essa saudade, terra abundante onde todos deveriam plantar, aí, ali, aqui, tudo floresce, frutos dessa terra, se depender de mim, Mãe, não há de acabar, se espalhará, caindo no chão de uma a uma cada semente se levantará, crescerão lado a lado indo ao longe mudando o mesmo lugar. Sem palavras para te descrever... Viva!

Poderia parar por aqui, no tempo, mas de tempo em tempo descobri que este não para, por isso, entre outras coisas, vivo cada momento ansioso, curioso, pra entender como é possível pessoas tão raras, caras, impossíveis de esquecer?! Posso até errar o nome, onde nos conhecemos, datas, de certo algo vou esquecer, tudo é questão de tempo, lembra? Este não chega, continua, tudo muda incessantemente para não parar, transfigurar-se-á.

E, tem mais:

- Pra quê fingir? Esse amor, Vi, não é de cinema, é de escola, onde a gente aprende, se conhece, gosta e nunca mais vai embora. Dispõe-se todo dia a ensinar, mediando os meus erros até, enfim, eu acertar. Dedicada, amorosa e obstinada, corrigiu muitas palavras, deu significado a vida e a muitos parágrafos que aqui não conseguia explicar. A graduação já não lhe desafia, pois nela você brinca, passeia, demonstra sapiência que o sis tema não consegue aceitar, que pena! Indubitavelmente seu momento ascendera.

Desde 2007, lá estava ele a frente das discussões contra os decretos do (s)“erra”, presenciamos por várias vezes o anfiteatro “Guilhermão” lotado, quase não tínhamos espaço e nem fôlego pra respirar, tão intensas eram as vozes e gestos tudo aquilo parecia arte, uns taxados de marte outros desastre, d’uns cultos à outros ocultos, num comum acordo a universidade decide parar, GREVE GERAL DA EDUCAÇÃO! Eis que surge a provocação: professor da Educação Física, com sua crítica propositiva, superadora, pôs o movimento em seu devido lugar, o da transformação social, da teoria ecológica e do caos, então, seja qual for o desafio ele aceitará.

De carona na graduação e eu em seu conhecimento, uma professora me orientou, persistente, dizia haver bem mais do que consciência no corporal. Ajudou a entender quando descobri na prática que “formiguinha” também tem na quadra, pra isso, a experiência e a teoria só serve se você consubstanciá-la numa práxis. Entendeu a realidade e suas personalidades, bastou uma aula pra todos estarrecer, associou os nomes, um por um foi desvelado, até eu fui escarniado por sua atenta complexidade, porém, essa pose era identidade, sequela da dedicação idealizada na plenitude da educação.

O céu lá de casa tem sempre uma Estrelinha, sua luz irradia, brilha incessante, ascende o sorriso de todos independente do que os dias trará. Nesse vai e vai de olhos acesos uma So(m)brinha nos põe a animar, faz a vida ter sentido e o legado vivo a recomençar. Nesse teto que chamo de lar, as vezes amargo, parece me provocar, confunde os sentidos e, além do bem e do mal, sempre pôs-me a meditar e reeditar a sensatez, caracteristicamente, num fazer ser circunspecto. No interior de cada qual, irmãos são o mais próximo daquilo que almejamos assemelhar, uma família incompleta, talvez pra nunca acabar.

RESUMO

Sobreveio no esforço de entender a realidade, diversas vezes frustrante, o propósito e orientação do nosso estudo. Consistindo em explorar e desmistificar as verdadeiras relações existentes entre a cultura corporal de movimento e o capitalismo com seu quimérico idealismo, naturalizado e inteligentemente ardiloso. A dialética da formação e das influências sociais suportadas por uma visão capitalista nos impulsiona para uma visão imediatista, funcionalista e reprodutora (BRACHT, 1999) de informações bombardeadas pela mídia (BETTI, 1998) e pelo insaciável mercado profissional. Assumir uma visão crítica dentro de uma perspectiva dialética que busca modificar a realidade social é sem dúvida um desafio. Um fato inegável: é mais fácil ceder à pressão capitalista do que demonstrar os equívocos desta visão de mundo e modificar esta prática profissional na atualidade. Por meio de estudo empírico nos pautamos pela análise dos discursos de graduandos no final do primeiro ano de sua vida acadêmica, buscando desvendar a sua relação com a área antes da entrada no processo pedagógico e após a vivência inicial em sua área de formação profissional. De cunho qualitativo, o método de pesquisa consistiu no estudo de campo com aplicação de questionário utilizando questões abertas relacionadas ao universo da cultura corporal de movimento. Integraram a pesquisa estudantes do ensino superior do curso de Educação Física da UNESP de Bauru, todos cursando o primeiro ano da faculdade. Consideramos, segundo as experiências históricas verificadas nos atores da pesquisa, haver incorporação de conceitos e princípios reprodutores do sistema capitalista. Sendo a supervalorização do resultado físico, da melhora do desempenho esportivo em busca da vitória, da saúde, da estética, o que ainda prevalece na vivência prática histórica, atual e na perspectiva de futuro.

Palavras-chave: Educação Física, Pedagogia Crítico-Superadora, Cultura Corporal, Materialismo Histórico-Dialético.

ABSTRACT

It was in the effort to understand a reality, several times frustrating, the purpose and orientation of our study. Consisting of explore and demystify the true relationship between a body culture of movement and capitalism with its chimerical, naturalized and cleverly cunning. The dialectic of formation and social influences supported by a capitalist vision of impulses to an emotional, functionalist and reproductive view (BRACHT, 1999) of information through the media (BETTI, 1998) and by the insatiable professional market. Take a critical view within a dialectical perspective that seeks to modify a social reality without doubt a challenge. An undeniable factor: it is easier to give in to capitalist pressure than to demonstrate misconceptions about this world view and to modify this professional practice today. By means of an empirical study we are guided by the analysis of the speeches of graduates at the end of the first year of their academic life, seeking to reveal their relationship with an area before entering the pedagogical process and after an initial experience in their area of professional training. The research methodology consisted of the field study with the application of a semi - structured questionnaire, using the open questions related to the universe of the body culture of movement. Integrate research university students of the course of Physical Education of UNESP in Bauru, everybody attending the first year of the college. We consider, according to the historical experiences verified in the research actors, to incorporate concepts and reproductive principles of the capitalist system. Where the supervision of the physical result, the improvement of the sporting performance in search of victory, health, esthetics, still prevails in the practice of historical experience, current and a future perspective.

Keywords: Physical Education, Critical-Overcoming Pedagogy, Body Culture, Historical-Dialectical Materialism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 OBJETIVO	13
2 REVISÃO DE LITERATURA	14
2.1 Atribuindo ideologia ao estudo: desorganizando a “saciedade”	14
2.1.1 Processo de objetivação Em-si ou Para-si: apropriação do conhecimento, consciência das relações sociais produzidas pelo sistema capitalista	19
2.2 O Emprego da “Saciedade” na cultura corporal de movimento	24
2.2.1 O jogo e o esporte na cultura corporal de movimento	29
2.2.2 Atuando com propósito: reprogramando as faculdades da sociedade	32
3 METODOLOGIA	37
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	38
5 A DIALÉTICA DO PRESENTE E PERSPECTIVA DE FUTURO	49
CONSIDERAÇÕES	52
REFERÊNCIAS	54
REFERÊNCIAS FONOGRAFICAS	57
APÊNDICES	58

INTRODUÇÃO

Desde que escolhi pela profissão de Educação Física deparei-me com o seguinte conflito: qual minha real função dentro da sociedade que temos hoje? Esta dúvida foi desvelada quando tive que escolher ao final do processo educacional (hoje ensino fundamental e médio) qual curso seguir na minha formação profissional. Qual foi meu referencial à época? As minhas vivências com diferentes áreas no sistema educacional e/ou minhas experiências na sociedade com todas as contradições que nela está imposta.

A priori, numa resposta simplista e de relação funcional direta, é que a vivência no ambiente educacional no processo de formação seria o ponto central para esta tomada de decisão. Portanto, a proposta curricular implementada em uma determinada sociedade e num dado período histórico seria o que fundamentaria a escolha.

Como em toda resposta simplista, vários questionamentos surgiram: Por que a minoria de meus amigos não escolheram os cursos de licenciatura no vestibular já que estes seriam o suporte para a formação de uma nova geração? Por que existe grande competitividade para cursos em que as profissões no mercado de trabalho são super valorizadas na sociedade? Como explicar esta contradição se todos passaram pelo mesmo sistema Educacional?

Para tentar iniciar o diálogo, estimular a reflexão sobre estas questões e focar na formação do profissional de Educação Física nos utilizamos da análise de Bracht (1992), prova que as diferentes visões da Sociedade e das teorias sociais interferem decisivamente na ação político-pedagógica dos profissionais. Para o autor, a sociedade capitalista, convive com uma visão funcionalista em que “[...] sistemas isolados como a Educação, Esporte, etc., podem ser descritos como funções do sistema [...]” (BRACHT, 1992 p. 63). Tentando exemplificar esta afirmação, o autor nos alerta que a preparação de gerações foram educadas “em” e “para” uma sociedade competitiva que valoriza o vencer, o vencer prevalece, tornando-o uma referência a ser almejada. Portanto, a mídia, os clubes, as academias, o mercado profissional, em geral, valoriza o mais forte, o mais rápido, o que fornece mais lucro e depressa.

Parece lógico, portanto, encontrarmos na literatura e na prática profissional atual o reflexo desta ideologia dominante influenciando tanto a sociedade quanto a formação do especialista em educação física, este sistema visa absorver de forma funcionalista o produto final desse sistema educacional, o profissional conservador desse ideal. Por outro lado, paralelo à ideologia dominante capitalista e burguesa surgem autores e profissionais que não aceitam as regras sociais impostas de forma funcionalista e sustentam um debate contra esta perspectiva hegemônica. Esta resistência surge embasada nos estudos da teoria de Marx e Engels (1984) que apontaram claramente que o processo de socialização não é neutro, eles estão sempre apoiados nos valores da classe dominante que reproduz de forma funcionalista as desigualdades sociais.

Nesta perspectiva teórica, Bracht (1992) já nos alertava que um dos objetivos da Educação Física na escola referia-se a socialização através do esporte, porém com o objetivo de adaptar os escolares aos valores e normas da classe dominante, reproduzindo e reforçando a visão capitalista. Defendendo então que o esporte educa a criança a conviver com: a vitória e a derrota; a respeitar as regras do jogo; ensina a vencer por seu esforço pessoal; a aliar-se a outro ou outros para atingir seus objetivos; desenvolve o respeito pela autoridade que é o árbitro ou o professor.

Foi no esforço de entender a realidade, diversas vezes frustrante, o que animou, apesar do desordenado caos social da atualidade, o propósito e orientação do nosso estudo. Consistindo em explorar e desmistificar as verdadeiras relações existentes entre a cultura corporal de movimento e o capitalismo com seu quimérico idealismo, naturalizado e inteligentemente ardiloso.

Entendendo esta realidade imposta historicamente, a carência do cenário global frente às condições e relações do sistema capitalista de produção e aliando-me a aqueles que buscam a transformação social é que focaremos nossa análise a partir da proposição teórico-metodológica crítico-superadora, defendida pelo Coletivo de Autores (1992). Conforme a circunstância do aludido fenômeno, para desvelar as suas contradições internas, adotamos como perspectiva epistemológica e metodológica o materialismo histórico-dialético de Marx e Engels (1984) objetivando a sistematização de elementos teóricos que contribuam para a decodificação da essência e da concretude das práticas corporais na contemporaneidade.

O desenvolvimento da cultural corporal é o objetivo maior para área da Educação Física na Escola conforme consta nos Parâmetros Curriculares para o

Ensino Infantil, Fundamental e Médio (BRASIL, 1998, 2010). Fica evidente, no teor do documento, que este processo na escola busca interface com a sociedade.

No caso da Educação Física Escolar existe a necessidade de adequação dos objetivos e conteúdos à realidade da cultura brasileira (resgate cultural), modalidades esportivas relevantes na sociedade em geral e regionalidades, bem como apropriação da prática corporal para além do período escolar. Outra meta a ser objetivada é desvendar uma perspectiva de atuação profissional na sociedade ou mesmo reconhecimento das manifestações das práticas corporais que os alunos possam usufruir durante a sua vida adulta em paralelamente à atuação profissional no mercado.

Porém, muitas vezes, o currículo em ação, conforme nos alerta Ezpeleta e Rockel (1989), não garante atingir os objetivos almejados, como a autonomia desejada e nem a apropriação de uma visão crítica do futuro profissional. A dialética da formação e das influências sociais suportadas por uma visão capitalista nos impulsiona para uma visão imediatista, funcionalista e reprodutora (BRACHT, 1999) de informações bombardeadas pela mídia (BETTI, 1998) e pelo insaciável mercado profissional. Assumir uma visão crítica dentro de uma perspectiva dialética que busca modificar a realidade social é sem dúvida um desafio.

Um fato inegável: é mais fácil ceder à pressão capitalista do que demonstrar os equívocos desta visão de mundo e modificar esta prática profissional na atualidade. Contudo, para tentar esta modificação, um primeiro passo, seria desvendar como o futuro profissional, que escolheu no vestibular o curso de Educação Física, apresenta sua visão da área, bem como, suas perspectivas de atuação futura, ainda no final do primeiro ano de sua formação profissional. Diante desta preocupação, seria possível identificar de fato a influência das aulas de Educação Física no sistema escolar quanto a escolha da área a ser cursada na graduação? Se sim, como será a visão deste ator ao final do processo? O ingresso na formação profissional o faria rever seus conceitos e analisar criticamente o que vivenciou anteriormente? Ou, o processo de formação continuaria reproduzindo o modelo social de outros ambientes já vivenciados por eles?

Entendendo a complexidade do tema e a profundidade das questões teóricas envolvidas, este recorte que pretendemos fazer no presente estudo seguirá a seguinte dinâmica. Inicialmente abordaremos os fundamentos da teoria marxista e da pedagogia crítico-superadora. Ainda na revisão de literatura, focaremos ao fim,

sob as concepções deste referencial dentro da formação e atuação na Educação Física. Fecharemos a revisão com a perspectiva da cultura corporal de movimento na atualidade e suas influências na e da sociedade. No estudo empírico estaremos nos pautando pela análise dos discursos de graduandos no encerramento do primeiro ano de sua vida acadêmica, buscando desvendar a sua relação com a área antes da entrada no processo pedagógico e após a vivência inicial em sua área de formação profissional.

1 OBJETIVO

O presente estudo teve por objetivo atuar numa proposição crítica sobre a formação do profissional de Educação Física e desvendar as influências de uma Sociedade Capitalista neste processo, quer seja fruto do produto final do sistema educacional, bem como, do convívio social em diferentes contextos ambientais que os graduandos estavam e estão inseridos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Atribuindo ideologia ao estudo: desorganizando a “saciedade”

O intuito deste capítulo é apresentar a concepção de desenvolvimento humano e crítico por meio da teoria marxista, da Pedagogia Histórico-Crítica, a qual se fundamenta no materialismo histórico-dialético. Assim como, pela Pedagogia Crítico-Superadora.

Desenvolvido por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895), o materialismo histórico-dialético é uma perspectiva teórica, analítica e metodológica para entender as relações sociais e também as transformações da história ao longo do tempo. Assim, a ideia do termo materialismo se refere à categoria material da existência do homem e, o termo histórico parte da compreensão da existência humana considerando as relações do sujeito com meio social em que vive. Agora, o termo dialético parte do movimento de contradição produzido na própria história, uma vez que nada é acabado, e sim modificado e transformado, sempre, pelo conjunto de homens dentro de um processo histórico. Para Marx, a dialética está na essência do movimento, tanto do mundo exterior como do pensamento humano.

Ao ler sobre essas teorias, é possível perceber que todos os seres humanos iniciam a vida, sua formação, enquanto indivíduos "em-si", ou seja, desenvolvem-se espontaneamente. Entretanto, Hegel (1992) diz ser essencial superar essa condição de ser "em-si", ter enquanto propósito o sentido de ser livre, racional e universal. Para tanto o indivíduo precisa superar esse processo espontâneo de forma a estabelecer uma relação frutuosa com sua individualidade e o mundo. Legitimando, com isso, a consciência para infinitas possibilidades de relações, sendo isto, o que permeará a apropriação das objetivações, pretensiosamente, superando a esfera alienante da sociedade capitalista, a classe burguesa.

Estruturando o capitalismo tem-se a seguinte mecânica: centralização como método predominante, e o objeto da acumulação é representado pelo aumento da produtividade, incessantemente, “Acumular, acumular! [...] Para Marx um dos aspectos essenciais do capital é o de que ele tem que ser acumulado, independente de qualquer outra individualidade.” (BATTOMORE, 2013, p. 12). Deste modo, a base da acumulação está na centralização do capital.

Inteligentemente, Marx (2011), interpretou a essência do sistema capitalista

ao observar que o indivíduo carrega o poder social no seu bolso. Marx e Engels (1960) em suas análises, afirmam que na unificação do mercado mundial e na globalização dos meios de produção da sociedade capitalista, existe uma dualidade no produto. Ao mesmo tempo, esse processo humaniza e universaliza as relações de produção e extingue as diferenças locais e mundiais, as quais formam ou formavam as características individuais das diversidades culturais. Perde-se a pluralidade dos povos, comunidades, para arrecadar em universalidade, havendo centralização da humanidade, do poder e do capital.

Impelida pela necessidade de mercados sempre novos, a burguesia invade todo o globo. Necessita estabelecer-se em toda a parte, criar vínculos em toda parte. Pela exploração do mercado mundial a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reacionários, ela retirou à indústria sua base nacional. As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a sê-lo diariamente. São suplantadas por novas indústrias, cuja introdução torna-se uma questão vital para todas as nações civilizadas, indústrias que não empregam mais matérias-primas autóctones, mas sim matérias-primas vindas das regiões mais distantes, e cujos produtos se consomem não sómente no próprio país mas em todas as partes do globo. Em lugar das antigas necessidades, nascem novas necessidades, que reclamam para sua satisfação os produtos das regiões mais longínquas e dos climas mais diversos. Em lugar do antigo isolamento de regiões e nações que se bastavam a si próprias, desenvolvem-se um intercâmbio universal, uma universal interdependência das nações. E isto se refere tanto à produção material como à produção intelectual (MARX; ENGELS, 1960, p. 28).

Esta análise histórica na perspectiva do trabalho, da fábrica, numa leitura simplista parece não envolver todos os campos de atuação profissional de uma sociedade. Em muitas situações do cotidiano o objeto de análise da teoria marxista parece estar focado no operário de chão de fábrica. Porém, se entendermos a visão funcionalista do capitalismo todas as áreas de atuação profissional devem ser analisadas fazendo parte do mesmo mosaico, ou seja, inter-relacionadas. Portanto, o operário, o chefe, o professor, e o aluno devem seguir os mesmos princípios e regras definidas pelo capitalismo ou para quem quer superá-lo.

A burguesia, embora tenha crescido de uma forma impressionante, explorou de tal modo o proletariado e a sociedade que acabou por gerar um mundo de extrema pobreza, tornando incompatível a existência da burguesia industrial enquanto dominante, pois demonstrou ser incapaz de oferecer a sua população, o mínimo para sua subsistência.

Tôdas as sociedades anteriores, como vimos, se basearam no antagonismo entre classes opressoras e classes oprimidas. Mas para oprimir uma classe é preciso poder garantir-lhe condições tais que lhe permitam pelo menos uma existência de escravo (MARX; ENGELS, 1960, p. 38).

Portanto, de acordo com os autores imediatamente citados, alienando o sujeito, cria-se o “escravo contemporâneo” e, assim o capitalismo conduz e “reduz” parte da sociedade que demonstra sinais claros de carência, necessidades. Banalizando a calamidade, o sistema vigente comercializa essa condição como parâmetro de aceitação pelas classes sociais que não incluem-se na extrema miséria. Aproveitando a imagem da injustiça, somente o cenário, criam exemplos ilusórios da causa relacionando a realidade observada. Assim, cada nível social, as diferentes categorias de poder aquisitivo/econômico, podem ser igualmente e gradualmente manipulados nesse “jogo de sedução” do capital. Utilizando as extremidades econômicas, os super-ricos e miseráveis, podem ser drásticos, mas quando a ascensão de classe é possível, entre duas classes que estão próximas, por exemplo, de pobre à classe média-baixa, ou média-alta à rico, (ou inversamente), a ambição de manter-se ou elevar-se de padrão socioeconômico, instiga e desorienta o indivíduo. A comparação das diversas condições humanas soa como punição, pois é arremetida aos contraventores, ou seja, aqueles que desobedecem o sistema têm mais chances de assumir o caráter negativo dessa esfera.

Nesse sentido “O que queremos é suprimir o caráter miserável desta apropriação que faz com que o operário só viva para aumentar o capital e só viva na medida em que o exigem os interesses da classe dominante.” (MARX; ENGELS, 1960, p. 41). Funcionando a engrenagem da persuasão, o capitalismo e seus idealizadores, convertem seus opositores, indivíduos comuns, o proletariado, empregando sua força de trabalho e suas convicções objetivando o aumento do lucro. Deste modo,

Ser capitalista significa ocupar não somente uma posição pessoal, mas também uma posição social na produção. O capital é um produto coletivo: só pode ser pôsto em movimento pelos esforços combinados de muitos membros da sociedade. O capital não é, pois, uma força pessoal; é uma força social (MARX; ENGELS, 1960, p. 41).

Neste trecho Marx e Engels (1960) afirmam que apesar de o capital ser uma força social, sabemos que o ciclo do capital está a intento do acúmulo de riquezas nas mãos apenas dos burgueses e não do proletariado como comprova a afirmação abaixo:

Mas, o trabalho do proletário, o trabalho assalariado cria propriedade para o proletário? De nenhum modo. Cria o capital, isto é, a propriedade que explora o trabalho assalariado e que só pode aumentar sob a condição de produzir novo trabalho assalariado, a fim de explorá-lo novamente (MARX; ENGELS, 1960, p. 40-41)

Agora atribuindo o que foi posto acima acerca das relações capitalistas e do processo de alienação, ao transferir isso para uma análise sobre a educação numa sociedade capitalista, Duarte (1999), lembrando Marx, aponta para o fetichismo da mercadoria, que dizia "Eles não sabem, porém o fazem", associando que o professor quando ensina está agindo na perspectiva marxista, mesmo que este não saiba disso. De certo, a revolução é necessária para as transformações propostas pelos ideais marxistas, e para que isso ocorra, a humanidade precisa de escolas que de fato ensinem. Educadores devem contrapor os interesses burgueses, as propostas de conteúdos relativos, parciais, disseminando meias verdades, passando a corromper o conhecimento ligado à essência das ciências, artes e filosofia. Será a socialização do conhecimento a forma como afrontaremos os interesses burgueses. Assegurando às famílias menos abastadas financeiramente, no caso a classe trabalhadora, alcancarem o domínio da linguagem escrita nos níveis mais elevados, assim como os conhecimentos artísticos, filosóficos e científicos. Mas, para isso se efetivar, devemos intransigentemente combater o relativismo na abordagem dos conteúdos, não subordinar os currículos ao cotidiano alienado e pragmático da nossa sociedade, ser contra a pedagogia do aprender a aprender, pois estas condições destituem a escola de transmitir o conhecimento e o professor de ensinar (DUARTE, 1999).

Discutindo o conhecimento e a vida humana, ao tomar por referência as riquezas de saberes gerados pelo gênero humano, e não o cotidiano alienado de cada indivíduo, conseguimos superar a sociedade capitalista. É fundamental elevar o conhecimento para desenvolver a nossa concepção de mundo, e daí transcender os limites locais, cotidianos, imediatos, medíocres, infelizes, propícios na vida

oferecida pela sociedade capitalista (DUARTE, 1999).

Para a pedagogia histórico-crítica o lugar mais adequado para promover o conhecimento produzido pela humanidade assegurando a formação crítica é na escola, sendo este o lugar do saber sistematizado, no qual se deve ter a sociabilização dos saberes científicos, tecnológicos e artísticos construídos historicamente pelos homens. Ao professor cabe o conhecimento teórico para planejar, organizar e mediar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, objetivando a plena humanização dos sujeitos (SAVIANI, 2008).

Já no que refere estritamente ao ensino da Educação Física, há alguns estudiosos que foram influenciados pelo materialismo histórico-dialético e desenvolveram a pedagogia crítico-superadora com intuito de também transformar a realidade ideológica a favor de uma hegemonia pela e para a classe oprimida, ou seja, aplica-se de modo contra hegemônico ao sistema vigente (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

A Educação Física Crítico-Superadora no contexto das pedagogias críticas no Brasil pressupomos ser a proposição mais congruente, sendo a que apresenta efetivamente, teórica e metodologicamente, o caráter contra-hegemônico inerente nas atuais relações de trabalho. Logo, os conhecimentos, para a proposição crítico-superadora do Coletivo de autores (1992) concebem os conteúdos, as experiências corporais, enquanto a busca do indivíduo para compreender e refletir a cerca da relação do trabalho incorporada nos diversos meios e formas de interação do contexto social constantemente vivenciada.

Defendendo o ideal de aliar uma sociedade com determinação socialista, a proposição crítico-superadora adota o processo de mediação entre aluno e a assimilação de complexidade da realidade social na qual está inserido, seja local ou universal. Esta abordagem considera a cultura corporal de movimento enquanto “práticas sociais”. Estas práticas sociais têm como objetivo avivar/provocar o indivíduo à discussão/reflexão sobre a inter-relação entre seus propósitos e os da sociedade (HERMIDA; MATA; NASCIMENTO, 2010).

O Coletivo de autores (1992), embasados pela Pedagogia Crítica-Superadora, destaca seis princípios curriculares norteadores para definição dos conteúdos de ensino diligenciados às aulas de educação física, sendo eles: relevância social do conteúdo; contemporaneidade dos conteúdos; adequação às possibilidades sócio-cognoscitivas do aluno; simultaneidade dos conteúdos enquanto dados da realidade;

espiralidade da incorporação das referências do pensamento e provisoriedade do conhecimento. Todos esses preceitos, sem dúvida, irão ajudar os educandos a desenvolverem um pensamento crítico e a transformarem a realidade em que vivem.

Considerando então a prática pedagógica,

Em nosso entender ela surge de necessidades sociais concretas. Sendo a Educação Física uma prática pedagógica, podemos afirmar que ela surge de necessidades sociais concretas que, identificadas em diferentes momentos históricos, dão origem a diferentes entendimentos do que dela conhecemos (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 50).

O excerto acima nos mostra que um trabalho educativo fundamentado pelas necessidades concretas do homem torna a aprendizagem mais significativa. Além disso, veremos mais adiante a importância do homem se apropriar das objetivações produzidas ao longo da história humana para desenvolver seu intelecto.

2.1.1 Processo de objetivação Em-si ou Para-si: apropriação do conhecimento, consciência das relações sociais produzidas pelo sistema capitalista

Pretendendo explorar o entendimento dos processos de objetivação e apropriação dos conhecimentos Duarte (1999), emprega as categorias "em-si" e "para-si", tendo como referência as obras de Hegel, mas que também são incorporadas tanto nos marxistas clássicos quanto nos autores do século XX.

O fato de o homem nascer e viver em sociedade não garante por si só que este se firme como ser genérico, não garante sua socialidade, pois ele se objetiva como tal, não pela simples razão de viver em sociedade mas, sim, pelas apropriações que faz da genericidade humana. O nível de socialidade garantido pela vida social guarda as possibilidades das objetivações genéricas em-si, que são as objetivações do cotidiano, são primárias, originárias do processo histórico. No processo de apropriação das objetivações genéricas em-si, o ser humano forma sua individualidade em-si, que não demanda uma relação consciente para com essas objetivações. A individualidade em-si é engendrada pela vivência da cotidianidade, fruto de relações espontâneas com o processo de apropriação. Quando, porém, essa relação além de espontânea é alienada, temos com consequência a individualidade em-si alienada. Mas para além das objetivações genéricas em si, existem as objetivações genéricas para si, ou seja, aquelas referentes à ciência, à moral, arte, etc. As objetivações genéricas para-si possuem dupla representatividade, pois, ao mesmo tempo em que representam as objetivações do pensamento humano sobre a genericidade, representam também as objetivações das relações dos homens para com essa genericidade. O pleno desenvolvimento do gênero humano demanda a

superação da genericidade em-si pela genericidade para-si, constitutiva da individualidade para-si que pressupõe o homem como ser universal e livre (MARTINS, 2007, p. 90).

Ou seja, somente pela atividade consciente, é que o homem irá superar sua individualidade em-si e torná-la individualidade para-si.

A análise do desenvolvimento humano, segundo a Pedagogia Histórico-Crítica, destaca o trabalho enquanto características próprias da espécie humana para garantir sua sobrevivência, sendo este, o trabalho, ponto crucial para os diferenciar dos demais animais. Enquanto a atividade vital é o que todos os animais e indivíduos devem realizar para manter suas existências e reproduzir suas espécies. A cerca dessa diferença entre animais e os seres humanos, o autor, admite que,

“No caso do ser humano, a mera sobrevivência física dos indivíduos e sua reprodução biológica através dos nascimento de seres humanos, assegura a continuidade da espécie biológica, mas não assegura a reprodução do gênero humano, com suas características historicamente constituídas” (DUARTE, 1999, p.28)

Nesse sentido, compreende-se a necessidade de um ser para além da atividade vital humana. Há superação do elemento básico, orgânico, sendo a intercomunicação da trajetória incorporada nos seres, o fato no qual o sujeito assume a dimensão social, ou seja, a transmissão dos saberes constitui a origem o gênero humano.

Por essa razão, o ser humano é capaz de transformar a natureza para suprir suas necessidades básicas, e Duarte (2001) afirma que o sujeito ao criar instrumentos para viver em sociedade e se satisfazer, está num processo de objetivação do gênero humano que, sem dúvida, se trata do desenvolvimento histórico dos sujeitos. Para compreender melhor acerca das objetivações do gênero humano, o autor evidencia que,

Gênero humano é uma categoria que expressa a síntese, em cada momento histórico, de toda a objetivação humana até aquele momento. A linguagem, por exemplo, é uma objetivação humana, uma objetivação genérica. Todos os seres humanos têm que se apropriar dessa objetivação genérica para poderem viver (DUARTE, 2001, p. 26).

Assim, é nesse processo de objetivação que o sujeito se humaniza, isto é, que se apropria dos elementos culturais que foi produzido por ele ou por outros homens. Isso mostra que a formação do indivíduo é constituída por: objetivação e apropriação. Estas ordens exprimem a dinâmica pela qual o indivíduo vivencia e, conforme a experiência, busca se satisfazer por meio de novas necessidades humanas. Sendo assim, o processo de objetivação e apropriação é incessante na vida do indivíduo,

O que possibilita o desenvolvimento histórico é justamente o fato de que a apropriação de um objeto (transformando-o em instrumento, pela objetivação da atividade humana nesse objeto, inserindo-o na atividade social) gera na atividade e na consciência do homem, novas necessidades e novas forças, faculdades e capacidades (DUARTE, 1999, p. 35).

A atividade humana realizada pelo homem que age sobre a natureza para satisfazer novas necessidades é, sem dúvida, um processo histórico de desenvolvimento do próprio sujeito e das relações humanas, uma vez que é objetivada nos conhecimentos acumulados há várias gerações. Produtos, ou melhor, um “[...] tipo específico de instrumento foi sofrendo transformações e aperfeiçoamentos, por exigência da atividade social. Por isso é que digo que uma objetivação é uma síntese da atividade humana.” (DUARTE, 1999, p.43), ou seja, o indivíduo não irá reproduzir cada passo percorrido ao longo da história na produção do conhecimento humano, mas sim “[...] os traços essenciais do conhecimento a ser assimilado, os traços essenciais da atividade acumulada nesse produto da história social [...]” (DUARTE, 1999, p.45).

A respeito das objetivações, estas podem ser materiais ou não, e são produzidas pelos sujeitos desde a criação da linguagem até o desenvolvimento da ciência, da arte e da filosofia. Estes devem ser apropriados por todos os sujeitos, para que se tornem indivíduos humanizados. Além do mais, “[...] é na relação entre sua vida e a história social humana (cujos produtos materiais e mentais constituem o mundo no qual transcorrerá essa vida) que cada ser humano constitui sua individualidade.” (DUARTE, 1999, p. 52). Dessa forma, se vê que a singularidade de cada sujeito decorre de um processo histórico e social, e não de caráter puramente biológico. Se assim fosse, não seria necessário ensinar o indivíduo a falar, a andar, a ler e a escrever. Por isso que,

O processo de o indivíduo singular tornar-se membro do gênero humano passa pela necessária apropriação do patrimônio - material e espiritual - acumulado pela humanidade em cada momento histórico. É através dessa apropriação que este indivíduo singular vai se constituindo como membro do gênero humano. Por isso mesmo, todo obstáculo a essa apropriação é um impedimento para o pleno desenvolvimento do indivíduo como ser integralmente humano (TONET, 2006, p. 12).

Ao pensar no pleno desenvolvimento do sujeito e na formação da sua individualidade, Duarte (1999) apresenta algumas considerações importantes para que isso ocorra. Assim, o autor destaca o papel importante da apropriação das objetivações, produzidas ao longo da história, na vida do sujeito. As objetivações podem ser classificadas em objetivações genéricas em-si, aquelas da vida cotidiana, e objetivações genéricas para-si, que seriam aquelas que fazem parte de um saber mais sistematizado e elaborado pelo intercurso do corpo social. Ambas as objetivações permeiam as relações da formação do indivíduo. As denominações “em-si” e “para-si” são, respectivamente, relacionada à natureza e, relacionada com a sociedade “[...] o ser-em-si caracteriza a genericidade que se efetiva sem que haja uma relação consciente dos homens para com ela e o ser-para-si caracteriza a ascensão dessa genericidade ao nível da relação consciente” (DUARTE, 1999, p. 135). Assim, este autor afirma que as objetivações genéricas em-si se restringem aquelas como a criação de utensílios, de costumes e a linguagem, já que foram as primeiras conquistas feitas pelos sujeitos e, por isso se constituem a base das objetivações do gênero humano.

As heterogêneas formas de atividade da cotidianidade humana são conduzidas e reguladas por essas três objetivações. As três guiam o **conjunto** da atividade do homem, porém, apesar disso, existe entre elas certa “divisão do trabalho”, na medida em que cada uma delas exerce sua própria função de guia, principalmente sobre uma ou outra manifestação humana. Neste sentido (...) podemos dizer que os utensílios (os produtos humanos) guiam, sobretudo, a atividade material concreta; os costumes, os modos de comportamento; e a linguagem, o pensamento. E inversamente: os utensílios, as objetivações objetuais, são, sobretudo, os produtos do movimento finalizado do trabalho; os costumes são objetivações de modos de vida derivados da produção e da distribuição, assim como de outras atividades sociais; na linguagem se objetiva fundamentalmente o pensamento humano (HELLER apud DUARTE, 1999, p. 138, grifos do autor).

Dessa maneira, constata-se que as objetivações elementares são o começo para o desenvolvimento do ser humano, como também o princípio para o homem

viver em sociedade. Já a respeito das objetivações para-si, estão os conhecimentos científicos produzidos pela humanidade que seriam a ciência, a arte, a filosofia e etc. Compreende-se então que, “[...] as objetivações genéricas para-si representam o grau de desenvolvimento histórico da relação entre a prática social e a genericidade, isto é, representam o grau de liberdade alcançado pela prática social humana [...]” (DUARTE, 1999, p. 140) e ainda “[...] a apropriação das objetivações genéricas para-si [...] exige, em princípio, a superação do caráter não-consciente, espontâneo [...]” (Idem, p. 140) que está presente na apropriação das objetivações genéricas em-si. Isto quer dizer que para o indivíduo se objetivar dos conhecimentos basilares para a vida social não é preciso que o mesmo tenha uma relação consciente com esse produto, como, por exemplo, a linguagem. Todo sujeito aprendeu a se comunicar sem precisar ter uma relação consciente com a linguagem.

Agora, para se apropriar das objetivações genéricas para-si o homem necessita ter uma relação consciente com o produto social em questão como, por exemplo, o saber científico produzido pelos indivíduos. Entretanto, sabe-se que uma minoria da população consegue se apropriar das objetivações genéricas para-si para se desenvolver plenamente, visto que “[...] há uma discrepância desumanizadora entre a riqueza que o gênero humano já atingiu em sua história e a pobreza daquilo que é oferecido ao indivíduo, provocando um distanciamento alarmante entre a formação da personalidade e a expressão máxima do gênero humano” (EIDT e FERRACIOLI, 2007, p. 117). Esse processo desumanizador nada mais é do que a alienação, “[...] em que os próprios produtores da riqueza não podem apropriar-se dos processos e produtos do seu trabalho.” (Idem, p. 117). Pois bem, é pela relação de dominação de classes e pela alienação do próprio trabalho que a maioria da sociedade não consegue se desenvolver plenamente, e se tornar um sujeito humanizado capaz de se apropriar de tudo que já foi conquistado culturalmente.

2.2 O Emprego da “Sociedade” na cultura corporal de movimento

Abordaremos neste capítulo a compreensão e as funções do corpo na sociedade, além é claro, de explanar sobre a função do profissional de Educação Física neste contexto. São inegáveis os diversos estudos científicos produzidos, ao longo do tempo, a respeito do corpo humano. Este, por sua vez, sofreu várias transformações durante o processo de construção da sociedade ocidental. Assim, em cada período da história, o corpo foi visto por diferentes maneiras e interpretações como também desempenhou papéis distintos em diversas sociedades. Porém, todas as modificações sobre a visão do corpo sempre aconteceram por motivos políticos, religiosos e econômicos. Como, por exemplo, na Grécia antiga na qual o culto ao corpo foi exaltado, já na Idade Média o corpo foi oprimido por rígidas práticas religiosas, e na sociedade capitalista o corpo era compreendido como uma máquina que gerava lucros para a classe burguesa.

Na atualidade, se vê que a imagem do corpo está vinculada com a estética, isto é, o corpo mais bonito atribuiria importância para a vida do ser humano, elevando o *status quo* quanto a esse aspecto, e como resultado este sujeito passaria a preocupar-se com a imagem, como no filme de Pedro Almodóvar “A pele que habito”. Havendo com isso uma descaracterização da natureza do corpo, além da obsessão pela aparência perante a sociedade e a si próprio. A beleza corporal, então, passou a ser um produto cultural que todas as classes sociais e faixas etárias almejam ter. Este desejo ora é apoiado por uma questão de saúde, e ora apenas por uma questão de estética e imposição da sociedade.

Fica claro então que a religião, os costumes, a ciência, a educação, a política e a economia são razões determinantes para a política de entendimento da dimensão corporal do indivíduo enquanto ser histórico e transformador da realidade. Por esse motivo a Educação Física tornou-se uma área de conhecimento essencial para analisar e orientar as várias reflexões que rodeiam o corpo nas diferentes fases e empregos atribuídos conforme as transformações e influências do sistema sociopolítico e econômico nos diferentes períodos da história.

Sobre isso, sabe-se que há inúmeros debates acerca dos conteúdos que devem ser trabalhados pelos professores no que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem da Educação Física Escolar. Ademais, sendo este um

conhecimento que procura tratar do corpo e suas possibilidades de movimento, a direção tomada para o aprimoramento predominante recai num enfoque reducionista dos atributos e qualidades técnicas relativos ao corpo do sujeito, tendo com isso, conseqüentemente, o favorecimento do caráter meritocrata. Para suportar essa dinâmica, a Educação Física acaba buscando sustento científico nos conteúdos de outras áreas do conhecimento, o que de fato não seria ruim, porém, essa estratégia que aparenta ser enriquecedora resulta na negação da educação física enquanto área diferenciada do conhecimento e, deste modo, passa a ser utilizada como meio auxiliar da ciência biológica e exata, a priori. Nesse aspecto, a educação física perde sua especificidade, sua essência e sua autonomia, apenas aproveitando do prestígio de outras áreas como, por exemplo, a medicina. Ressaltamos, porém, que essa possível involução da educação física persistirá, somente, caso os detentores do saber na área, os educadores, permitam. E para isso, bastaria o professor esquecer que o primordial, consiste em enxergar o ser humano como um sujeito histórico, culturalmente desenvolvido na sociedade e transformador da mesma (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Mas, antes que fosse possível refletir, num dado ponto da história, a inteligência capitalista percebeu na motricidade humana uma mudança extraordinariamente favorável no desempenho da produtividade, já que o lucro “[...] envolve o crescimento da taxa de mais-valia por meio de um aumento do valor total produzido por cada trabalhador.” (BATTOMORE, 2013, p. 363).

Neste momento, se faz necessário um breve relato sobre a educação física, contextualizando-a com os fatos marcantes desta no mundo e, mais especificamente, direcionaremos nosso olhar para a realidade no Brasil. No fim do século XVIII e início do século XIX, período histórico da civilização humana, há a origem do capitalismo em sua fase industrial, e é nesse contexto social que o condicionamento físico começa a obter atenção. O exercício físico, circunstancialmente, conforme as demandas industriais nos meios de produção servem como ferramenta auxiliar amplificando a força de trabalho. Pois atribuindo vigor ao trabalhador, tornando seu ofício mais produtivo e, conseqüentemente, gerando maior lucro (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Como visto, as ferramentas do capital tidas como avanço tecnológico partindo das ciências naturais, biológicas, ou seja, o corpo do trabalhador passou a ser explorado enquanto instrumento mecânico. Essa implementação aumentaria o

produto final objetivado, o lucro, sem que fosse necessário para isto ocorrer investimentos de alto custo financeiro como no caso das compras de equipamento automatizados, geralmente máquinas que além do alto valor de mercado e manutenção ocupariam muito espaço, exigindo mais e maiores infra-estruturas, ou seja, mais gastos. Certamente, este processo possibilitaria retorno positivo, mas somente à longo prazo.

Entretanto, a estratégia utilizada fora de tal modo eficiente que ainda no século XXI, esta artimanha, é engendrada no estabelecimento da produtividade, sendo as habilidades e capacidades físicas, como agilidade, destreza, coordenação, equilíbrio, força, resistência entre outras, uma das molas propulsoras que otimizam significativamente o rendimento da produção industrial. Este avanço possibilitaria ganhos em diferentes sentidos: o sujeito com melhor aptidão física suportaria maiores e mais intensas cargas de trabalho, assim como poderia produzir mais em menor tempo e, como o valor do trabalho a ser pago segue a lógica temporal, o proprietário teria menor custo com o proletário.

Adiante, a preocupação com o corpo na fase Higienista da educação física estaria, igualmente ansioso aos interesses da elite burguesa. A mesma classe social que conduz a política, determina sobre a moralidade e, disciplina o conhecimento intelectual da sociedade. Neste momento à prática de exercícios físicos é sugerida no sentido de garantir a população hábitos de assepsia física e mental, aonde os atributos físicos do indivíduo são colocados a serviço do intelecto. Essa dicotomia rebaixa o valor substanciado na construção do corpo, já que entendemos o corpo em sua integralidade material, histórica e transformadora, sendo essas divisões meramente pedagógicas a nível de entendimento (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Segundo Bracht (1999), a década de 1980 foi marcada pela entrada mais decisiva das Ciências Humanas e Sociais na educação física, fato este que possibilitou o surgimento do chamado movimento renovador da educação física brasileira, pautado, sobretudo, por uma análise crítica do paradigma da aptidão física e esportivização. De acordo com Betti (1992b), alguns cursos de educação física dão prioridade a disciplinas voltadas a amparar os elementos físicos esportivos, supervalorizando os conteúdos da fisiologia, anatomia, treinamento físico, esportes e saúde, os quais, também são importantes à instrução do educador. Mas cabe lembrar que os conhecimentos metodológicos, didáticos e sociais, ou seja, os conteúdos de cunho pedagógico, quando pensados na plenitude do

desenvolvimento humano, são fundamentais tanto para as licenciaturas quanto aos bacharelados na formação dos profissionais que atuarão na sociedade, independente do ambiente ou do público.

Todavia, a importância desse raciocínio ocorre naquilo que é elementar para a educação física: o corpo que “se-movimenta”. Este corpo, num olhar crítico, não pode ser concebido com reducionismo pela taxativa tendência do materialismo, pois há nele algo que não acaba em si, existe história constantemente em transformação, dado que “[...] um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar [...]” (CSNZ, 1996).

[...] Sobre todos estes miseráveis e até por sobre os remediados brasileiros pairaria a ameaça da desterritorialização, que adviria da tomada da Amazônia pelo capitalismo selvagem e da especulação como um todo das “tirantias privadas”; estas, aproveitando da nossa “secular omissão”. Drogariam as massa com mais samba e futebol. A isso tudo os deserdados da Manguetown propunham a não-violência, o não-rancor, a valorização do amor-próprio, a alegria e a “autodeterminação”. Para alguns isso pode soar como conformismo e alienação, mas [...] (MELO NETO, 2003, p. 42).

*"Eu só quero andar nas ruas do Brasil
Andar no mundo livre
Sem ter sociedade
Andando pelo mundo
E todas as cidades
Andar com meus amigos
Sem ser incomodado
Andar com as meninas
E eletricidade"
(CSNZ, 1996).*

O apelo do autor arremetido a música de Chico Science & Nação Zumbi (CSNZ) elucida uma ou mais soluções do povo, a classe trabalhadora, na tentativa de um "viver bem", eles assim o fazem, sentem isso, mesmo sendo parte do produto de reprodução da ideologia capitalista, o poder hegemônico. Na música supracitada a referência é pela cidade de Recife, entretanto este entendimento, certamente, pode ser estendido a todas as cidades, no Brasil e no mundo, onde o capital atue, e toda realidade em que ocorra exploração do extrato da camada popular, bastando que haja nesse contexto sujeitos trabalhando por salários que atendam pouco mais

do preço gasto para atender suas necessidades básicas, enquanto uma minoria, detentora dos meios de produção, acumula riquezas proporcionais a garantir o sustento de uma nação, ou seja, “[...] os que no regime burguês trabalham não lucram e os que lucram não trabalham [...]” (MARX; ENGELS, 1960, p. 43), o proprietário de fato explora.

Betti (1998) na década de 1990 observou à ascensão da cultura corporal de movimento (referência ampla da cultural corporal e esportiva) acontecimento bastante representativo na economia e amplamente explorado pelos meios de comunicação de massa.

O esporte, as ginásticas, a dança, as artes marciais e as práticas de aptidão física tornam-se, cada vez mais, produtos de consumo (mesmo que apenas como *imagens*) e objetos de conhecimento e informações amplamente divulgados para o grande público. Jornais, revistas, *videogames*, rádio e televisão difundem ideias sobre cultura corporal de movimento. Há muitas produções dirigidas ao público adolescente. Crianças tomam contato precocemente com práticas corporais e esportivas do mundo do adulto. Informações sobre a relação práticas corporais-saúde estão acessíveis em qualquer revista feminina, em jornais, noticiários e documentários de TV, nem sempre com o rigor técnico-científico que seria desejável (BETTI, 1998, p. 17).

Diversos temas norteiam a educação física e a cultura corporal de movimento. Fora aquelas citadas no trecho acima, outras também representam e apresentam os problemas sócio-políticos atuais, promovendo debates e reflexões dessas questões, dispondo um meio ideal para que o sujeito compreenda a realidade social em que vive, interpretando-a e manifestando-a conforme os interesses de sua condição social. Por isso, cabe a escola possibilitar ao aluno o desenvolvimento do senso crítico a partir da prática social.

Por tudo isso, Bracht (1999), alega que é fundamental que os profissionais da área tenham compreensão dos objetivos da educação física, ou seja, o ser humano no seu “se-movimentar” (KUNZ, 2006), não somente como um ser biológico/mecânico, nem somente quanto à sua dimensão psicológica, mas que abranja também o caráter histórico-cultural do indivíduo.

2.2.1 O jogo e o esporte na cultura corporal de movimento

Jogar é também uma situação de criação, investigação e transformação dos significados. Essas atividades envolvem emoções, afetividade, compreensão, estabilização e ruptura com a barreira do egocentrismo que há na criança, expandindo seu desenvolvimento para as relações coletivas. Jogos do qual participem mais de uma pessoa implicam em compartilhar, confrontar e negociar. Nesses momentos as diferenças podem traduzir-se em harmônicas ou desarmônicas. No jogo, a criança experimenta de forma livre e autônoma o relacionamento social, de maneira natural (OLIVEIRA, 2000; KAMI; DEVRIES, 1991). Neste sentido, Kishimoto (2008) também explana que no jogo livre há a liberdade do jogador construir suas próprias regras sem duração de tempo e brinca por prazer, esse brincar facilita a apropriação da realidade.

Nas aulas de Educação física, o jogo, além do aspecto motor, deve ser utilizado para desenvolver o aspecto cognitivo dos sujeitos, uma vez que estimula a criança a resolver problemas e criar estratégias durante a atividade (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Assim, vemos que o jogo é uma ferramenta para aprimorar as tomadas de decisões dos indivíduos e também estimula a cooperação entre os jogadores. Por esta razão, é preciso retirar a ideia de “passa-tempo” impregnada no divertimento, no lúdico, e mostrar à direção da escola, aos pais, as(os) alunas(os) e toda a sociedade, os aspectos positivos realçados no brincar, essas inovações no paradigma evolutivo da sociedade devem ser compreendidas, e deste modo, atribuído o devido respeito a esse potencial intrínseco ao ser humano (KISHIMOTO, 2008; NÓVOA, 1992).

Agora, a respeito do esporte sabemos que este é praticado desde os tempos mais antigos, constitui, se não todas, a maioria das culturas sob diferentes formas e significados, e que os homens, mulheres e crianças o utilizam como aprendizagem, aprimoramento, sociabilização, trabalho e lazer. Por conseguinte, “fica evidente que o esporte é em todas as sociedades atuais um fenômeno extremamente importante. Defrontamo-nos com ele a toda hora e em todos os instantes, mesmo sem praticá-lo.” (KUNZ, 2006, p. 22). Vale destacar também, que o esporte é considerado, por estudiosos da área de Educação Física, como patrimônio histórico da humanidade e por isso deve ser ensinado a todas as crianças nas escolas.

Entretanto, para Oliveira (1983) a forma como o esporte é ensinado nas escolas, muitas vezes é errônea, visto que buscam apenas a competição e o mais forte dentre os alunos. Sobre isso, “Nas escolas, a busca de campeões conduz à especialização prematura, inibindo o desenvolvimento do potencial psicomotor das crianças” (idem, 1983, p. 76). Se o ensino nas escolas for destinado somente as práticas esportivas, será impossível fazer com que os alunos vivenciem a expressão e o movimento do corpo nas suas diversas formas, pois apenas possibilitarão a superação física dessas práticas.

Outro questão importante, acerca dos esportes praticados além da escola, é a influência que as mídias têm expandido esses dois aspectos nos esportes de tempo livre, observando essa tendência, também, na prática de exercícios físicos para além do que entendemos enquanto esporte institucionalizado. Casos de lesões, frequentemente são relatados nas diversas práticas de atividades físicas, seja ela esporádica ou regular. A busca por rendimentos “deixa” os meios de comunicação para se estabelecer no imaginário do espectador, a partir disso, mas não meramente ao acaso do que é veiculado, o indivíduo passa a ser expectador, pois a possibilidade de reprodução vislumbrada na imagem de atletas e outras celebridades midiáticas tendem a produzir reações, onde, o expectador fantasia-se, ostenta, aquela mesma posição de personalidade, emblematicamente posta nas propagandas da televisão, internet, revistas, jornais, rádios, etc.

*Há um tempo atrás se falava de bandidos
Há um tempo atrás se falava em solução
Há um tempo atrás se falava em progresso
Há um tempo atrás que eu via televisão*
(CSNZ, 1994)

Para comprovar o que foi mencionado acima associado a esta parte da música citamos Kunz (2006, p. 24) pois,

Nas sociedades atuais, com a modernização tecnológica e com a indústria cultural, os homens passam a ser, pelas suas possibilidades e sua própria existência, alienados [...] escola de Frankfurt > principalmente, MARCUSE, HORCKHEIMER e ADORNO [...] “... perceberam que o homem é “excluído” pela automatização e pela mecanização dos modernos aparelhos de produção, onde ele se vê submisso aos ditames da máquina e da aparelhagem técnica, que não lhe possibilita mais nenhum espaço para

iniciativas próprias, autodeterminação e atividades criativas. Nesse sentido ele é oprimido para assumir apenas uma forma de conduta, para as reações padronizadas e estereotipadas. Em consequência, tem-se um tipo de pensamento que se efetiva na razão instrumental ou racionalidade técnica. Isto é, as relações sociais em seu conjunto são norteadas unicamente para a razão instrumental tornando-se, assim, reificadas.

Como visto, percebe-se que o sujeito, quando pratica algum esporte ou atividade física, tende a reproduzir aquilo que lhe é compartilhado e, ordinariamente, enaltecido na construção das matérias e dos materiais capitalizados.

O homem é um ser capaz de se desenvolver graças a seus interesses, seus desejos e suas necessidades. Infelizmente no estágio de desenvolvimento científico e tecnológico de hoje, e pela sua influência em todas as instâncias da vida, especialmente através da indústria cultural e dos meios de comunicação, os interesses, os desejos e as necessidades podem ser “formados” ideologicamente por essas instituições (KUNZ, 2006, p. 25).

A representação simbólica desses eventos, principalmente, os esportivos, por exemplo: o futebol, é frequente na classe popular, ocorre dentro de suas realidades do praticável. O indivíduo deixa de ser espectador e também expectador, passando a ser ativo no espetáculo, ou seja, sente-se parte do grupo seletivo, experimenta a centralização em si. Quanto a isso,

Hoje, somos todos consumidores potenciais do esporte-espetáculo como telespectadores ou torcedores nos estádios e nas quadras; a proliferação de academias de ginástica e “escolinha” de esportes atende às camadas média e alta, centros esportivos e de lazer público oferecem, embora de maneira ainda insatisfatória, programas de práticas corporais a população de modo geral (BETTI, 1998, p. 17).

Por tudo isso, fica evidente que as práticas esportivas voltadas ao rendimento, frequentemente, realizadas pela sociedade, sofrem uma grande influência da mídia que, por sua vez, não somente normatiza alguns esportes em detrimento de outras práticas corporais que podem ser desenvolvidas pela comunidade, mas também modifica a significação quanto a essas relações do sujeito para e pela atividade experienciada. Daí, a necessidade de fomentar criticamente aos telespectadores e leitores os informes, notícias que recebem da televisão, rádio, internet e revistas referentes à cultura corporal de movimento (BETTI, 1998).

Nesta conjuntura atual, lamentavelmente, os professores de educação física têm, de modo inconsciente, ostentado uma perspectiva para o alto rendimento, competição. Aliás, tudo que merece empenho, nos dias atuais, tem o incremento de uma dose de disputa, além é claro, da idealizada e grande recompensa material. Além disso, a função ou compreensão do envolvimento profissional quanto ao ensino tem estado disperso, ou seja, pouca ênfase é observada no ato de educar. Ainda persiste o modelo tradicional, impositivo, o professor ordena e os alunos executam, a educação pelo caráter reprodutivo. Estes professores estruturam as aulas sem levar em consideração as características e necessidades individuais e relativas ao contexto social (BETTI, 1992a).

2.2.2 Atuando com propósito: reprogramando as faculdades da sociedade

*E com o bucho mais cheio
Comecei a pensar
Que eu me organizando
Posso desorganizar
Que eu desorganizando
Posso me organizar
Que eu me organizando
Posso desorganizar
(CSNZ, 1994)*

Alimentado de saber, e mais uma vez ao som de Chico Science e Nação Zumbi, iniciamos esse capítulo propondo estabelecer o papel do profissional de educação física mediando a organização da realidade, na apropriação e objetivação da cultura corporal para a sociedade. Os sujeitos, “[...] a classe explorada e oprimida (o proletariado) não pode mais libertar-se da classe que a explora e oprime (a burguesia), sem libertar, ao mesmo tempo e para sempre, da exploração, da opressão e das lutas de classes, toda a sociedade.” (MARX; ENGELS, 1960, p. 17). Faz-se extremamente necessário conscientizar o povo a perceber a real circunstância do meio que governa a sua existência, de modo que estes indivíduos reflitam e contestem o sistema opressor, desorganizando esta estrutura para então poder legitimamente reorganizá-la.

É preciso discorrer a respeito da formação do profissional de educação física e de sua práxis para se ter uma mudança qualitativa no processo de ensino e

aprendizagem dessa área de conhecimento acerca do movimento humano. Destarte, motivado pelo conhecimento teórico, agora podemos melhor interpretar e pensar a realidade daqui pra frente. Nos organizando permitimos desorganizar a estrutura social que nos envolve. Sob a provocação nesse trecho da música de Chico Science e Nação Zumbi reforçamos a necessidade de mudança nas estruturas sociais, explorando o ponto chave na área de educação física, o professor, o sujeito transformador capaz de ressignificar a identidade da cultura corporal de movimento quanto à práxis do mesmo, ou seja,

DESESTABILIZAR, ESTRUTURAR, CONVENCER, CONSOLIDAR concepções práticas e ideológicas que delimitam o contexto sócio-histórico, confrontando-as com outras que a elas se opõem, buscando competência e objetividade para levar à frente este projeto de forma a materializá-lo, explicitando assim a conquista de uma outra qualidade de vida para os homens, entendidos enquanto sujeitos históricos e construtores de seu próprio processo de humanização (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 43)

Apesar do constante avanço tecnológico, concomitante a expansão do conhecimento científico da última década, a preparação do profissional da área de educação física, dada sua importância social, apresenta alguns sintomáticos problemas. As universidades pecam em diferentes aspectos, cada qual a sua abordagem, linha de estudo, estrutura curricular, entre outras questões, porém, citaremos apenas pontos entendidos como principais e frequentemente observados. Enquanto algumas instituições não têm integração disciplinar, formam apenas técnicos, outras se perdem na preparação quanto à relação indissociada entre teoria e prática, ao cabo que a literatura e leitura do contexto atual usada tende a fugir do real onde o professor atuará, sendo ora ultrapassada, ora descontextualizada. O estudo teórico por si só, é muito vago para poder ser considerado o único atributo necessário para a prática docente cotidiana, contextualizada (BETTI, 1992b). Com todos os dilemas retratados acima, compreendemos a importância de repensar o curso de Educação Física tanto na sua grade curricular, como também em relacionar a teoria e prática de forma mais clara e objetiva, como propor também um ensino das práticas corporais para além do aporte da aptidão física.

Para tanto, defende-se que o campo da Educação Física escolar esteja embasado pela Pedagogia Crítico-Superadora e pela Pedagogia Histórico-Crítica, uma vez que ambas lutam contra o sistema vigente capitalista que reproduz a

desigualdade de classes (COLETIVO SDE AUTORES, 1992; SAVIANI, 2003).

A Pedagogia Histórico-Crítica tem como pressuposto entender a educação com esteio no desenvolvimento histórico objetivo.

[...] a pedagogia crítica implica clareza dos determinantes sociais da educação, a compreensão do grau em que as contradições da sociedade marcam a educação e, conseqüentemente, como o educador deve posicionar-se diante dessas contradições e desenredar a educação das visões ambíguas, para perceber claramente qual é a direção que cabe imprimir à questão educacional. Aí está o sentido fundamental do que chamamos de Pedagogia Histórico-Crítica (SAVIANI, 2012, p. 86).

O conceito presente na teoria, citada acima, é o materialismo dialético, isto é, “[...] compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana.” (SAVIANI, 2003, p.88). Ao relacionar esta teoria da educação com a área da Educação Física pode-se colaborar para o crescimento e desenvolvimento do aluno, já que a lógica dialética proporciona um entendimento amplo e significativo sobre o conteúdo. Além do mais, o sujeito é capaz de compreender a realidade a sua volta, pois se constitui como sujeito histórico determinante para transformar as práticas corporais impostas pelo sistema capitalista.

O processo educativo é, então, requerido para que o ser humano desenvolva um comportamento complexo culturalmente formado, o que seria para Duarte (1999) o desenvolvimento da individualidade para-si. Para este autor, “o indivíduo para-si [...] está em permanente busca de se relacionar conscientemente com sua própria vida, com sua individualidade, mediado também pela constante busca de relação consciente com o gênero humano.” (Ibidem, 1999, p. 185). Desse modo, ainda de acordo com este autor, para desenvolver o processo de formação do indivíduo para-si se faz necessário que o trabalho educativo seja mediado pela relação objetivação-apropriação que ocorre no cotidiano (por meio das objetivações genéricas em-si) e a realização da objetivação-apropriação que não ocorre no cotidiano (por meio das objetivações genéricas para-si). Esta, por sua vez, faz com que o indivíduo tenha uma vida consciente com o gênero humano. Para esclarecer o trecho acima, podemos citar Saviani (2003) em que argumenta sobre o objeto de educação mais importante para o desenvolvimento intelectual do sujeito,

[...] o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. Quanto ao primeiro aspecto (a identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados) trata-se de distinguir entre o essencial e o acidental, o principal e o secundário, o fundamental e o acessório. Aqui me parece de grande importância, em pedagogia, a noção de “clássico”. [...] O clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial (grifo do autor) (SAVIANI, 2003, p. 13).

A educação escolar pretende que os indivíduos se apoiem na ciência para firmar seu pensamento e ação nos diversos momentos de sua vida social (DUARTE, 2001). Pois, “[...] quando um indivíduo utiliza conhecimentos históricos para buscar compreender sua situação como membro de uma classe social, está ultrapassando (tendencialmente) a consciência de classe em-si e está buscando a consciência de classe para-si” (Ibdem, p. 64). Visto isso, constata-se a importância de desenvolver um trabalho educativo que vise à socialização das objetivações genéricas para-si, e, juntamente com isso, o desenvolvimento do intelecto do aluno. Levando em consideração a importância da ideia de educação escolar, conforme a teoria da Pedagogias Histórico-Crítica e Crítico-Superadora, sendo esta última, proposta pelo Coletivo de autores (1992), sendo assim, idealmente, no campo da Educação Física o aluno deverá passar por um longo processo para dar significado às práticas corporais. Ao sujeito, deve-se levar ao conhecimento, para análise e compreensão sob seu intelecto os dados científicos e filosóficos relacionados à cultura de movimento, orientar sua aspiração e suas emoções para a prática e a apreciação do corpo em movimento, argumenta BETTI (1992).

Para Saviani (2008) cabe ao professor o domínio do conhecimento teórico para planejar, organizar e mediar o processo de ensino e aprendizagem dos alunos buscando a humanização dos sujeitos, logo

A escola, na perspectiva de uma pedagogia crítica superadora aqui defendida, deve fazer uma seleção dos conteúdos da Educação Física. Essa seleção e organização de conteúdos exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 63)

Desta forma “[...] os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/

objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade.” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 62).

A educação física defendida nessa proposta tem a intenção de consubstanciar uma práxis que compreenda a classe trabalhadora, ou seja, possibilitar a interpretação factual da relação entre comunidade e o meio atuante, como também estabelecer propostas de políticas efetivas para as devidas transformações sociais da realidade brasileira, e do mundo.

3 METODOLOGIA

De cunho qualitativo, o método de pesquisa empregado na coleta consistiu no estudo de campo com aplicação de questionário aberto (APÊNDICE B), utilizando questões relacionadas ao universo da cultura corporal de movimento. A investigação dispõe-se a consubstanciar conhecimentos profícuos para o avanço da ciência enquanto verdades que são de interesse universal (GIL, 2008). O estudo foi composto pela participação e investigação do público universitário.

Integraram a pesquisa estudantes do ensino superior, de ambos os sexos, regularmente matriculados no curso de Educação física da Unesp de Bauru, todos cursando o primeiro ano da faculdade.

Este tipo de investigação, conforme Yin (2001), configura-se como estudo de caso, sendo semelhante ao entendimento proposto pelo autor quanto ao tipo de pesquisa e o procedimento de coleta. O contexto a ser analisado neste estudo restringe-se a um grupo específico de participantes, no caso, graduandos de educação física em universidade pública, os quais integram uma comunidade, local e tempo específicos da atualidade, não representando a totalidade social, sendo inviabilizada, a priori, a generalização dos fatos e perspectivas propostas. Porém, esta pesquisa buscou explorar o entendimento da realidade e extrair discernimentos que possam ser relativizados a nível teórico para esboço da integralidade social, tendo como desfecho a assimilação do conhecimento relacionado ao fenômeno observado (MOLINA, 1999; GIL, 2008).

A coleta de dados formalizou-se com o preenchimento dos dados pelos participantes e o texto descrito nos termos de consentimento livre e esclarecido (APÊNDICE A).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do objetivo proposto e do referencial utilizado para sustentar os princípios de uma ação pedagógica transformadora, iniciaremos este tópico buscando desvelar exemplos de uma realidade concreta. Estaremos portanto, passeando no todo da teoria e prática e apontando sinais que nos permitirá induzir se a realidade investigada é o resultado de uma formação: tradicional, reprodutora de um modelo social vigente, sem ser reflexiva e transformadora ou; se conseguimos observar na aquisição de um conteúdo prático sinais na disciplina Educação Física de uma consciência do ser humano, numa realidade social de desigualdade aonde o fenômeno da cultural corporal é visto como mais uma peça dentro da engrenagem capitalista.

Nesta perspectiva dividiremos a apresentação das respostas de escolares entrevistados em três partes que são: a) Perfil dos graduandos participantes do estudo; b) Experiências e escolhas das práticas corporais; c) Significado atribuído durante a formação histórica do indivíduo em relação a disciplina Educação Física Escolar.

a) Perfil dos graduandos participantes do estudo.

A faixa etária dos participantes do estudo variou de 18 a 22 anos, com média de 20 anos de idade, não atingindo assim os sujeitos a plena maioridade. Se por um lado podemos ter pessoas, supostamente, ainda imaturas, que não tinham convicção da escolha profissional, por outro a sociedade atual pré-estabelece de forma natural a continuidade do processo de formação.

Todos os participantes estavam matriculados no primeiro ano do ensino superior. Embora, a média de encerramento do ensino médio seja por volta dos 17 anos, ainda sim aquele aluno com 22 anos pode ser considerado num período de transição entre esses dois sistemas de ensino. Podendo representar casos de reprovação ou inicio tardio no sistema educacional. Aqueles que não atingem esta meta, concluírem ou estarem adequados ao período escolar, na maioria das vezes, sofrem mesmo que de forma velada um pré-conceito.

Por se tratar de alunos de um curso noturno de uma universidade pública, é esperado que alguns destes tenham não conseguido entrar no sistema logo após o

encerramento do ensino médio. Desta forma, muito provavelmente deve ter adentrado para o mercado de trabalho o que pode ter influenciado o início do ensino superior.

Fato este que pode gerar sentimento de incapacidade nos escolares, por não se enquadrarem nas regras impostas por um sistema educacional pautado pela lógica Capitalista. Portanto, é estimulado a dirigir-se, de imediato para o mercado ocupacional, realizando serviços taxados de “braçais”, em que não há necessidade de uma formação especializada. O que é exigido nestas ocupações é: a repetição mecânica de gestos, numa velocidade cada vez maior, tendo seu tempo livre à serviço do descanso e recuperação de sua energia para produzir ainda mais. Não por sua vontade, mas por sua necessidade de sobrevivência, seria melhor que este não pensasse ou repensasse sua prática.

Um dado que nos chamou a atenção é de que, 7 dos 16 sujeitos participantes são provindos de escola pública, 8 de escola privada e 1 respondeu que estudou em ambas. Este dado não surpreende no momento atual, visto que nos últimos anos foi implantado, em nível universitário, o sistema de cotas sociais. Muito provavelmente se a pesquisa fosse realizada há meia década atrás, este desequilíbrio pudesse ser maior, já que é sabido que governos cada vez mais deixam de investir na escola pública, favorecendo o avanço do modelo privado de educação.

Um dado que pode parecer insignificante num primeiro momento foi a resposta de um sujeito que sinalizou ter cursado tanto o ensino privado como o ensino público. Por que isso? Para obter maior nível de conhecimento? Ou já é um mecanismo adaptativo do sistema capitalista de burlar as regras das cotas? Ou seja, o sujeito obtém a formação, supostamente, de “melhor qualidade” ou aquela que melhor se encaixa no modelo de vestibular. Porém, para acelerar minha meta utilizo do sistema de cotas. Apesar de um certo juízo de valores, nesse nosso olhar vestido de pragmatismo, atentamo-nos para o “jeitinho brasileiro” tentado a reverter ou promover as injustiças. Pode ser um artifício que beira a imoralidade, porém, não está escrito nas regras do capital que para ter sucesso você deve respeitar o outro, ceder a oportunidade ao outro menos favorecido.

Como num jogo de dado os números são marcados com seis faces iguais e numeradas, parece “mágica” esperar que um outro resultado seja possível. Isto se expressa em nosso estudo quando verificamos no percentual, tal qual o resultado anterior, quando verificamos quais alunos já tiveram experiência com mercado de

trabalho. A relação, se não totalmente direta, está em níveis de significância que são exatamente aqueles vindos da escola pública que tiveram que ir ao mercado de trabalho.

Na obra Metodologia da Educação Física (COLETIVO DE AUTORES, 1992) logo no início, observamos a afirmação que numa sociedade de classes o que encontramos é a luta de classes tentando prevalecer seus interesses. Resumindo, o interesse da classe trabalhadora corresponde à luta pelo emprego, salário, alimentação, transporte, ou seja, a sua necessidade de sobrevivência. Por outro lado, a classe proprietária que detém o capital defende as suas necessidades de acumular riquezas, ampliar o consumo e seu patrimônio. Mais que isso, a necessidade de manter o poder garantindo uma posição privilegiada que ocupa na sociedade, em nosso caso, ascender rapidamente para o ensino universitário e fazendo a roda familiar girar e manter a qualidade de vida conquistada a partir do seu privilégio.

b) Experiências e escolhas das práticas corporais;

Direcionando nossa análise para o foco da área de Educação Física, os alunos foram indagados e estimulados a descrever suas experiências e vivências com a prática corporal nos anos escolares e o que prevaleceu na sua vida cotidiana. Todo processo de ensino e aprendizagem ocorre num contexto social e num período histórico que influencia os conteúdos selecionados e aplicados na escola e também deveria influenciar para a legitimação de uma área ou buscar a sua transformação.

Quando questionamos os alunos sobre esta incorporação da prática de alguma atividade física ao seu dia a dia, na questão “3.a- Qual(s) atividade(s) física(s) você *prática atualmente*?” Todos assinalaram positivamente, realizando uma ou mais atividades físicas. Sem colocar juízo de valor se as respostas são totalmente verídicas e sem checar a prática real do cotidiano dos entrevistados, é possível induzir de forma relativa que a área construiu seu significado e sua importância para os entrevistados.

Cabe reconhecer dois aspectos: a prática pode estar ocorrendo de forma descontextualizada, tornando-se a prática pela prática; e o grupo que decidiu pela formação nesta área de conhecimento normalmente é oriundo de vivências anteriores. Portanto, a continuidade desta prática no adulto jovem é totalmente

esperada.

Verificamos a partir das respostas que as práticas atuais que prevaleceram foram: Academia, em sua maioria com a prática da musculação e de artes marciais; a prática de modalidades esportivas coletivas, preferencialmente futebol e; corrida, focando na corrida de rua individualmente ou em grupo e não a prática do atletismo.

Visando aprofundar o conhecimento e vivência dos alunos, solicitamos que relatassem quais atividades da cultura corporal já haviam praticado dentro do seu histórico de vida, tanto na escola como fora dela. Mais uma vez houve o predomínio dos esportes coletivos, em especial do futebol. Porém identificamos o vôlei, basquetebol e handebol sendo mencionados. Outras modalidades de esportes individuais também foram citadas como natação, atletismo. O que surpreendeu foi o resgate histórico de brincadeiras e jogos de rua, como: bêts, pega-pega, esconde-esconde, pega ladrão entre outras. Demonstrou que não só a Educação Física Escolar influenciou nesta recordação, como também um estilo mais ativo vivenciado na infância.

Betti (1999) argumenta que a Educação Física com objetivo da cultura corporal deve pensar seus conteúdos para além dos esportes coletivos, garantindo a diversificação de conteúdos, explorando o resgate da cultura corporal e buscando questionar o que é imposto pelos meios de comunicação. Bohrer, Antunes e Casarotto (2015) apontaram que muitos profissionais têm condenado a prática da Educação Física na escola vinculada apenas a uma parcela da cultura corporal, os esportes coletivos, especialmente aqueles mais praticados no Brasil, e não ao acaso, os preferidos das mídias divulgados atualmente.

Fato este realmente confirmado pelos sujeitos que disseram que um dos fatores de influência na sua prática foram os meios de comunicação, como TV, internet. Por outro lado, a maioria citou a influência de familiares e amigos.

Mais uma vez, fica evidente o continuísmo de algumas práticas sendo passadas de geração para geração e com toda a carga de influências do contexto histórico. Isto não permite abstrair os benefícios do aprendizado no lazer “que possibilitem a passagem de níveis menos elaborados, simples, para níveis mais elaborados, complexos, com o enriquecimento do espírito crítico” (MARCELLINO, 1987, p. 58). O pega-pega, por exemplo, sai da rua e vai para condomínios fechados, para as aulas de Educação Física, ou escolinhas de futebol e até mesmo em hotéis. Isto ocorre fruto de características sociais da atualidade, onde: a

criminalidade, o trânsito, a falta de tempo dos pais para acompanhar seus filhos em casa devido à sua inserção no mercado de trabalho, limitam a liberdade de expressão de uma nova geração. Marcellino (1987) chama atenção para a reconfiguração do espaço e tempo onde se desenvolve o lazer, podemos observar na cultura de rua quando as regras eram construídas na hora pelos seus participantes, atualmente você necessita pagar para poder brincar, e isso quando consegue agrupar um conjunto de crianças, visto que até o condomínio é pago para ter uma certa liberdade para as crianças de hoje.

Pensando numa perspectiva de continuidade da prática para o futuro, os buscamos com a questão elucidar os objetivos relacionados a esta perspectiva como, a saúde, estética, condicionamento, rendimento, superação, sociabilização e prazer, conforme as respostas a seguir:

“- emagrecimento e prazer”

“- condicionamento físico, ganhar qualidade de vida”

“- de realização, satisfação pessoal e qualidade de vida”

“- as minhas expectativas eram que eu me torna-se saudável”

“- emagrecer, melhora na qualidade de vida”

“- emagrecer, pois eu eu era acima do peso”

“- Eu esperava ter mais saúde”

“- Melhorar qualidade de vida”

“- emagrecimento e prazer”

“- Atividade prazerosa, de alto rendimento ultrapassar os meus limites como atleta”

“- academia para ganho de força e futsal por ser monitor do projeto”

“- futebol desde cedo por diversão e musculação na faculdade para melhorar a aparência física”

“- Esperava ganhar uma melhor forma”

“- melhora na parte física e no caso do futebol alcançar a carreira profissional”

“- quando comecei buscava um aumento da massa magra mas continuo em busca da melhora da força”

“- aprendendo novas técnicas e condicionamento”

Predominantemente, o que mais surgiu nas respostas foi a questão da saúde, qualidade de vida. Isto pode ser justificado como reflexo do histórico da Educação Física voltado para as áreas médicas ou numa perspectiva higienista. Mais que isso, incorre também pela revolução tecnológica da sociedade capitalista, onde a máquina diminui o convívio social e a prática motora no dia a dia. Entretanto, essas reprogramações nos empregos da cultura corporal aparece decorrente e sob domínio das ações políticas pautadas em diversas escolhas dissociadas das práticas corporais, interesses extrínsecos. Tal descontextualização é impertinente à educação física, como afirma So e Betti (2016, p 124), obstinam-se a “favorecer um grupo específico de pessoas - via de regra, aquelas que estão no poder”, extrapolando, ou, não contemplando a concretude da área, barateando a estrutura e tornando-a utilitária evidenciamos o fundamento base do capitalismo, a centralização.

Inserto, entre causa e consequência, um exemplo disso, quando um controle está sem pilha, pois seu filho utilizou em seus brinquedos eletrônicos, os adultos se irritam e necessitam fazer o esforço de levantar e ir até a TV para trocar o canal, aliás demora para encontrar onde alterar o canal no aparelho devido a diminuição de

estímulos de precisão. Depois desta maratona que não ultrapassa segundos, a irritação transforma-se em raiva por ter perdido informações fúteis fundamentais que passam numa velocidade extrema. Alias, quem era o centro das atenções, o pai, o filho, a TV ou as informações? A resposta pode ser relativa, dependendo do interesse de cada envolvido, mas para o poder hegemônico todos esses são partes de um processo fundamental para acúmulo de riquezas.

Segundo Kunz (2006) esta perspectiva de revolução tecnológica atinge o esporte de alto rendimento, como se poder ver. Embora o homem não seja substituído pela máquina, torna-se ele próprio uma máquina de rendimentos. O pior que este modelo esportivista de busca do rendimento e que excluiu os mais fracos é incorporado com raras adaptações ao sistema escolar. Porém, é o modelo perfeito para a sociedade atual, aonde a oportunidade é para quase todos e o melhor prevalece.

O homem é um ser capaz de se desenvolver graças a seus interesses, seus desejos e suas necessidades. Infelizmente no estágio de desenvolvimento científico e tecnológico de hoje, e pela sua influência em todas as instâncias da vida, especialmente através da indústria cultural e dos meios de comunicação, os interesses, os desejos e as necessidades podem ser “formados” ideologicamente por essas instituições (KUNZ, 2006, p. 25).

Devemos reconhecer, compreender o passado para aprendermos e transformar o futuro da nossa prática social. Porém, os interesses atuais sinalizam cada vez mais na direção da reprodução do modelo adaptável os dias atuais do que na direção de transformação social.

c) Significado atribuído durante a formação histórica da cultura corporal do indivíduo

Encaminhando para o fechamento do estudo, questionamos diretamente aos entrevistados qual era a percepção de mudança na sua vida e prática social a partir da vivência da cultura corporal até então. A meta era sinalizar exatamente o significado que foi incorporado pela prática corporal.

Conforme a questão “10.a- O que você esperava quando começou a praticar atividades físicas/ quais eram suas expectativas?” a seguir descreveremos parcelas

da transcrição do questionário respondidos pelos indivíduos.

“- Coordenação motora, amigos, ocupação de tempo livre”

“- todos, emagreci 36 kg, melhorei a disposição, tudo melhorou”

“- Obtive uma melhor qualidade de vida, felicidade, disposição e ganhei um “hobby” que quero levar para vida inteira (profissionalmente também)”

“- muito, criei respeito aos próximos, doutrinação, experiência”

“- melhor saúde, ânimo, qualidade de vida”

“- meu condicionamento físico, minha saúde, minha atividade respiratória...”

“- saúde, obtendo uma maior aptidão física e paixão pela área e esportes“

“Adquiri maior respeito, aprendi a compreender as dificuldades do próximo, hierarquia, convívio social que se formou”

“- melhora social, melhor aptidão física, melhora no bem estar e aumento nos colegas que amam o mesmo esporte que eu”

“- comecei a levar o esporte a algo mais sério”

“- liderança e convivência em grupo”

“- físicos, sociabilização, coordenação e respeito”

“- mais convívio social, aumentou meu ciclo de amigos”

A diversidade de significados tornou difícil de agrupar em categorias, portanto a decisão foi apresentar todas as manifestações. Mais do que agrupar as respostas

o fundamental é respeitar o projeto construído pelos participantes. Mesmo entendendo que todos vieram da mesma matriz social, capitalista e reprodutora.

É possível perceber num primeiro momento que a maioria observa a Educação Física como um instrumento funcional, ora privilegiando aspectos físico motores ora o convívio social. Objetivos estes descontextualizados da realidade social vivenciada, porém com todo sentido para uma sociedade individualista, não participativa. Nessa circunstância o eu prevalece sobre o nós e o todo não é conquistado pela soma das partes, mas sim pela competição entre as partes. Se eu conseguir você consegue e se não conseguir você não serve para esta modalidade, para este grupo, suas características não permitem o avanço de desempenho.

Prefiro, então, falar em qualidade *da* vida, que é um conceito coletivo – não é a minha vida, a sua vida, mas a nossa vida, com suas condicionantes ambientais, culturais, econômicas, etc. Por exemplo, de que adianta praticar esporte ou qualquer outra atividade física para melhorar a minha qualidade de vida se o ar está poluído, prejudicando a vida de todos? É preciso falar em qualidade coletiva da vida (BETTI, 2009, p. 61-62).

Na intenção de superar este caráter egocêntrico, os estudos da pedagogia crítico-superadora busca entender a realidade posta, propondo caminhos em busca de soluções coletivas (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Outra resposta encontrada na entrevista foi:

“O futebol, por ser um esporte que queria seguir como carreira”

Nessa resposta o futebol é almejado enquanto meio de trabalho, pois está relacionado ao sentimento agregado às experiências e a constante divulgação desse esporte. Na maioria das vezes caracterizado como meio de ascensão social devido o retorno financeiro e o status quo conferido àqueles que se destacam nessa prática.

“Basquete, porque acho que não se encaixa no meu perfil para atleta mas admiro muito esse esporte”

O esporte, assim como a realidade social e suas relações de trabalho, apresenta o caráter excludente, seletivo, padronizado e reprodutivista. Esse aspecto,

conforme a resposta apresentada, demonstra a normatização dos processos de escolha que não as faculdades intelectuais e afetivas próprias dos seres, inclusive, quanto à impregnação deste modelo no discurso e a propagação entreposta na sociedade. Há uma dinâmica de “autoexclusão”, o sujeito assume as formas potenciais representativas e sugeridas enquanto requisitos para praticar uma determinada modalidade, interiorizando, de certo modo, a convicção de insucesso antes mesmo da experiência vivida.

O esporte, em diferentes contextos, é evidente ser desenvolvido, predominantemente, numa prática onde “a tendência é pela normatização e padronização dessas práticas, impedindo assim que um horizonte de outras possibilidades de movimentos possa ser realizado. Isto coíbe, inclusive, uma participação subjetiva dos indivíduos nas práticas do esporte (KUNZ, 2006, p. 22-23).

Mas a luz renasce sempre na dialética da vida. Em toda regra existe as exceções que nos permite sonhar com a transformação social. Algumas respostas surpreenderam, quer seja por estar estruturada numa perspectiva de saber o que quer, quer seja por conforme observamos na resposta a seguir.

“Sim, o feedback foi muito positivo, tanto na questão físico-motor mas também no desenvolvimento pessoal, profissional e intelectual”

Apesar do aludido elemento físico, a referência sobre o benefício amplo de caráter humanizador, nos remete à elevação das funções mais complexas, como no citado favorecimento do intelecto. Embora a proposta desta pesquisa arremeta a um ideal mais profundo caracterizado pela conquista da consciência e superação da condição de classe oprimida do atual contexto social, observa-se, rudimentos da essência crítica aqui defendida, a menção ao desenvolvimento pessoal e intelectual.

“A maneira de se portar dentre a sociedade, a ter uma visão mais crítica do mundo e usar ensinamentos do esporte e seus benefícios na vida pessoal e profissional”

O teor da resposta acima citada vai de encontro às pretensões da pedagogia

histórico-crítica, visto que o indivíduo consciente de sua realidade apropria-se do conhecimento relativo a esta e projeta a partir daí as transformações que julga necessárias. No entanto, a concepção de mundo defendida pelas teorias críticas associam a evolução da sociedade em conformidade às ações comuns do coletivo para o próprio coletivo, desprendendo-se do individualismo que relativiza direitos e justiça.

5 A DIALÉTICA DO PRESENTE E PERSPECTIVA DE FUTURO

No início da caminhada vislumbramos, para o fechamento deste estudo, ter respostas abrangentes, assim como, suscitar estratégias de acordo com a perspectiva transformadora da sociedade e intervir de imediato no que seria necessário mudar. Contudo, percebemos que o processo de transformação social é histórico, pois acumulamos experiência e, distinto ao futuro porque esta perspectiva ainda não é hegemônica.

Porém, ciente das limitações, acreditamos ser possível sinalizar que, para planejar a reestruturação social é fundamental desvendar a realidade e identificar os sinais de transformação. No geral, somos justos em afirmar que o objeto de análise, da cultura corporal emancipadora ainda não atingiu os princípios desejados em sua gênese. Longe disso, as experiências históricas verificadas nos atores da pesquisa nos refere à incorporação de conceitos e princípios reprodutores do sistema capitalista. Valendo a supervalorização do resultado físico, da melhora do desempenho esportivo em busca da vitória, da saúde, da estética, estes ainda prevalecem na vivência prática histórica, atual e na perspectiva de futuro.

Sinais de resistência no discurso afloram há quase três décadas de autores que enfocam e propõem a necessidade de mudança no referencial de atuação da Educação Física, visando fazer sentido para o conjunto social e a sua luta pela superação desse modelo reducionista, excludente e desigual marcado com a seletividade das classes sociais. Estar participando ombro a ombro neste momento histórico com os que lutam para mudança do *status quo* é estar regando e cuidando da semente transformadora que já foi plantada por gerações anteriores e, pela persistência atual, mesmo frente às adversidades gerará frutos adiante.

Então, quem trabalha com seu corpo? Considera você na sua totalidade? estima as vossas virtudes? integra seu conhecimento aos demais? participa das tuas dificuldades como se fossem as dela? ou seria, um querer não te desejando? um gostar te usando? um lhe ter se gastando, fazendo do seu corpo instrumento comercial prestes a falir? algo substituível e passageiro, utilitário e fugaz?

Seu corpo não é de outro(s) que não seu, para além do tangível, seu corpo é você, é cada experiência trajeto da história com o mundo, suas carências e anseios repleto de mazelas, mas que também é fecundo de soluções que não enceram em-si, nem somente para-si. Todo sujeito é um ser do mundo que só pode ser

desvencilhado deste no plano das ideias.

Fundamentalmente, somos uma unidade social, lemos e escrevemos, ao relermos reescrevemos indiscriminadamente o percurso da humanidade. Por isso, seguimos juntos entre o bem e o mal, qualquer efeito será massivo, por exemplo, não transcenderíamos após o fim do mundo, acabariamos com ele, nós também assumimos nossa condição.

O humano distingue-se dos demais seres quando a consciência faz de si infinito de interrelações, aonde faz jus a capacidade cognoscitiva de compreender as possibilidades e necessidades relativas aos sujeitos, seus contextos e culturas, os momentos históricos e as circunstâncias. Entretanto, o andamento da civilização nos apresenta de certa forma relapsa, dado que inúmeros avanços são observados, porém tais apropriações são expressamente funcionalistas aos interesses particulares.

Não obstante, nos ideais hegemônicos do capitalismo, está relegada a essência do coletivo, sendo imprescindível manter na cabeça a produção/material, almejar a ascensão social / sair do “fundo do poço” e querer se ter não tão pouco, e assim, sucessivamente, até conseguir um certo status que lhe permita vir a escolher. O fato de optar nos confere a chance de mudar algo, mas no mundo do capital quem muda é você, o sistema permanece se travestindo de engrenagens fúteis e sedutoras.

Continuando, há uns poucos a enriquecer, todo o resto são peças do jogo de alienação: o jovem pobre dedica-se ao futebol, sai da favela e da violência, ganha um expressivo salário e consegue comer; a humildade do cara rico, vindo de família abastada, posta no noticiário é tida como dádiva do esporte, espaço de igualdade, qualquer pessoa pode ganhar; por toda a fábrica atletas ou não são condicionados a vencer; das ruas nascem as vidas à venda nas propagandas. Ninguém está ileso dos males dessa radiação luminosa, pois de olho a olho ela chega até nós.

Aproveitando a ideia de Huizinga em sua obra *“Homo ludens”*, abstraímos da sociedade que a dinâmica do jogo nunca cessa, a competição permeia as relações sociais com suas múltiplas facetas, o indivíduo está sempre tentando superar a si e, provavelmente, seus pares e seus lugares. O gênero humano constitui-se menos de seres para cada vez mais teres. Contudo, não há natureza que suporte essa condição vazia de consciência social.

Enquanto a cultura corporal se perde na mais valia, os grandes

empresários/empresas manipulam os legados do se-movimentar, obtendo lucro com cada gota de suor, são inúmeras as contrações musculares empregadas na espetacularização de corpos e (in)cultos.

CONSIDERAÇÕES

No intuito de superar esta sociedade capitalista devemos diligenciar consciência perspectivando uma concepção de mundo mais ampla. A consubstanciação dar-se-a por meio de solidez teórica aonde o indivíduo passa a compreender suas atividades sociais, educacionais, profissionais, culturais, econômicas, entre outras, de uma maneira diferente. A partir desse momento o sujeito passará a compreender a individualidade humana, a formação do indivíduo, as objetivações e apropriações do gênero humano.

A necessidade do alimento, a fome, não pode esperar, ao menos não deveria, esse desejo vital pelo saber vai além dos pares, atinge ricos, pobres, brancos, negros e mestiços, a sociedade pode sim perceber, basta haver consciência de si entre si, todo estado de miséria é dispensável, pois consome o justo avigorando o mesmo, sempre mais do mesmo.

Vivemos o movimento, pois não há sob nenhum sentido real a forma estática, a realidade da nossa existência acontece na constante inquietação das partículas sociais e atômicas. Dessa mesma forma ocorre o deslocamento do conhecimento, seja este ligado à ciência ou ao senso comum. Criam-se novas ideias, e ao passo que modificam as estruturas, uma ou mais, pouco ou muito, temos a lembrança do que hoje é história compondo o olhar do presente. Incansavelmente jogamos, dançamos, caímos e levantamo-nos, do caos à lama, derrubamos para poder construir, sabendo nos respeitamos, escolhemos seguir sozinhos ou em sociedade.

Perceba, há incessante globalização e d'

*O Sol nasce e ilumina as pedras evoluídas,
Que cresceram com a força de pedreiros suicidas.
Cavaleiros circulam vigiando as pessoas,
Não importa se são ruins, nem importa se são boas.*

*E a cidade se apresenta centro das ambições,
Para mendigos ou ricos, e outras armações.
Coletivos, automóveis, motos e metrô,
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs.*

*A cidade não pára, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce.
A cidade não pára, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce.*

*A cidade se encontra prostituída,
Por aqueles que a usaram em busca de saída.
Ilusora de pessoas e outros lugares,*

A cidade e sua fama vai além dos mares.

*No meio da esperteza internacional,
A cidade até que não está tão mal.
E a situação sempre mais ou menos,
Sempre uns com mais e outros com menos.*

*A cidade não pára, a cidade só cresce
O de cima sobe e o debaixo desce.
A cidade não pára, a cidade só cresce
O de cima sobe e o debaixo desce.*

*Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu
Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tú.
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus*

(CSNZ, 1994)

REFERÊNCIAS

BATTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista**. Edição digital, Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e Educação Física**. Campinas: Papirus, 1998

_____, M. **Educação física escolar: ensino e pesquisa-ação**. Ijuí: Unijuí, 2009.

_____, M. **Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê?** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. v. 13, n. 2, p. 239-254, 1992a.

_____, M. **Perspectiva na formação profissional**. In: MOREIRA, W. W. (Org). Educação física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas, Papirus, 1992b.

BOHRER, E. S. B. ; ANTUNES, F. R. ; CASAROTTO, V. J. **O ensino da Educação Física escolar na visão de quem aprende: Entre a Realidade e o Desejo**. In: XVII Seminário Internacional de Educação no Mercosul, 2015.

BRACHT, V. **Aconstituição das teorias pedagógicas da educação física**. Caderno Cedes, v.19, n.48, p.69-88, 1999.

_____. **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC / SEF, 1998.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DUARTE, N. **A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo**. 2. ed., Campinas: Autores associados, 1999.

_____. **Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski**. 3. ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

_____. **Sociedade do conhecimento ou sociedade das ilusões?** 1. ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

EIDT, M. N.; FERRACIOLI, U. B. **O ensino escolar e o desenvolvimento da atenção e vontade: superando a concepção organicista do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)**. In: ARCE, A.; MARTINS, M.; L.

(Orgs.). Quem tem medo de ensinar na educação infantil? Em defesa do ato de ensinar. Campinas: Editora Alínea, 2007. p. 93-123.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. Tradução: Francisco S. de Alencar Barbosa. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. trad. de Paulo Meneses, 2. ed., Petrópolis: RJ, Vozes, 1992.

HERMIDA, J. F. ; MATA, A. A. R.; NASCIMENTO, M. S. **A educação física crítico-superadora no contexto das pedagogias críticas no Brasil**. Anais do V Colóquio de epistemologia da educação física, Maceió-al, Brasil, 22 e 23 de outubro de 2010.

KAMI, C.; DEVRIES, R. **Jogos em grupo na educação infantil**: implicações da teoria de Piaget. Tradução de Marina Célia Dias Carrasqueira. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e suas inter-relações com o descanso, divertimento e desenvolvimento**: a perspectiva de adultos e crianças. In: IX Seminário O lazer em Debate, 2008, São Paulo. IX Seminário o lazer em debate. Realização USP - EACH - LZT Co-realização SENAC-SP, São Paulo: Pleiade, p. 1-15, 2008.

KUNZ, E. **Transformações diático-pedagógicas do esporte**. 7. ed., Ijuí: Unijuí, 2006.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. 11. ed., Campinas: Papirus, 1987.

MARTINS, L. M. **Formação social da personalidade do professor**: um enfoque vigotiskiano. Campinas, SP: autores associados, 2007.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Editora Moraes, 1984.

_____. **O manifesto do partido comunista**. 4. ed., Editorial Vitória Limitada. Rio de Janeiro, Brasil, 1960.

MARX, K. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. **O capital**. Revisão e atualização do Dr. Orlando F. Da Silva, 1. ed. do novo original e 5. ed. desta obra. Edições e publicações Brasil editora S. A. 1962

MELO NETO, M. M. **Manguetown a representação do Recife (PE) na obra de Chico Science e outros poetas do movimento Mangue (“A acena recifense dos anos 90”)**. Dissertação de Mestrado em Teoria da Literatura pelo programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

MOLINA, R. M. K. **O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso**: uma reflexão introdutória. In: TRIVIÑOS, A. N. S.; MOLINA NETO, V. (orgs). A

pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, Sulina, 1999.

NÓVOA, A. (Org.). **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, A. C. O. **O brincar, a criança e o adulto**. In: RODRIGUES, R. P. (org.). Brincalhão: uma brinquedoteca itinerante. Petrópolis: Vozes, p. 29-34, 2000.

OLIVEIRA, V. M. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 8. ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

_____. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 11. ed., Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SO, M. R.; BETTI, M. **A identidade epistemológica da educação física nos periódicos científicos dos estratos superiores do qualis-capes**. Florianópolis: Revista Motrivivência v. 28, n. 47, p. 109-127, maio 2016.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n47p109/31822>> Acesso em: 22 Fev. 2017.

TONET, I. **Educação e formação humana**. Revista Ideação, v.8, n. 9, p. 9-21, set. 2006.

Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/852/721>> Acesso em: 27 jan. 2017.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

REFERÊNCIAS FONOGRÁFICAS

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI (CSNZ). **Afrociberdelia**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1996.

_____. **Da Lama ao Caos**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994.

APÊNDICE A**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, _____, RG _____, autorizo-o(a) a participar da pesquisa por meio de coleta de dados do estudo, tendo por finalidade dar continuidade ao trabalho de conclusão de curso proposta pelo idealizador da pesquisa, Robson Sabbadini Francisco, discente da Universidade Estadual Paulista (UNESP – Bauru), graduando do curso de Bacharelado em Educação Física.

A pesquisa se constituirá de questionário relacionado a temática fundamentada no estudo.

Os dados observados serão utilizados unicamente com finalidades acadêmicas e os sujeitos participantes serão preservados da exposição de suas identidades.

O participante poderá realizar todas as perguntas que julgar necessário antes de concordar em participar ou a qualquer momento da pesquisa e receberá o esclarecimento adequado para sua(s) indagação(s).

A sua participação neste estudo é voluntária. Mesmo que decida participar, você tem plena liberdade em qualquer momento de desistir, sem incorrer em nenhuma sanção.

Bauru, _____ de _____ de 2017.

(ASSINATURA)

APÊNDICE B**Questionário**

Sexo: ♀() ♂() **Idade:** _____ **Etnia:** _____

1. Cursou a educação básica em escola pública ou privada? _____

2.a- Trabalha ou já trabalhou? _____. Se sim, **b-** Qual(s) atividade(s) profissional/função desempenha(va)? _____
c- Com ou sem registro de trabalho? _____

3.a- Qual(s) atividade(s) física(s) você pratica atualmente? _____

b- Há quanto tempo a(s) pratica? _____
c- Qual é a duração e a frequência semanal dessa(s) atividade(s)? _____

4. Quando e o que lhe motivou iniciar a prática de atividades/exercícios físicos? _____

5.a- Sente prazer ao realizar atividade física? _____, Se sim, **b-** Dentre a(s) atividade(s) física que pratica qual é mais prazerosa? Por quê? _____

6. Como soube ou conheceu esse(s) tipo(s) de atividade(s) que pratica? _____

7.a- Cite jogos, brincadeiras, esportes, danças, e ou, outras práticas que envolvam atividades físicas / exercícios que você praticou ao longo de sua vida? _____

b- Dentre a(s) mais marcante(s), qual(s) foi boa? Por quê foi boa(s)?

c- Dentre a(s) mais marcante(s), qual(s) foi ruim? Por quê foi ruim(s)?

8. Qual(s) esporte(s) ou exercício(s) físico você gosta/admira, mas não pratica? Por quê não pratica? _____

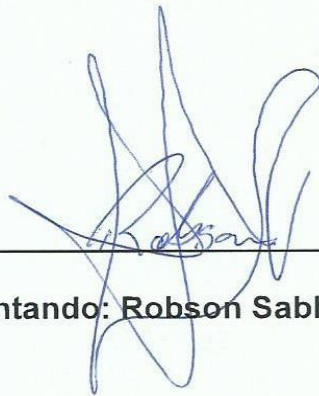
9.a- Procura aprofundar o conhecimento a cerca da(s) atividade(s) física que pratica? _____. Se sim, **b-** De que forma faz isso? _____

10.a- O que você esperava quando começou a praticar atividades físicas/ quais eram suas expectativas? _____

b- As expectativas foram supridas? _____

11. Quais aspectos foram transformados/mudados em sua vida devido às práticas de atividades físicas? _____

Obrigado por sua contribuição e atenção a nós dispensada!

A handwritten signature in blue ink, consisting of several loops and strokes, positioned above a horizontal line.

Orientando: Robson Sabbadini Francisco

A handwritten signature in blue ink, featuring a large, prominent loop on the right side, positioned above a horizontal line.

Orientador: Milton Vieira do Prado Júnior